

Etnografia arriscada: o pesquisador diante de uma rebelião no internato para adolescentes

Risky ethnography: the researcher before a rebellion in youth detention center

Rilda Bezerra de Freitas¹

1. Doutora e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio de Pós-Doutorado na Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e professora efetiva da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). rildabezerra@hotmail.com

Resumo: Segundo Geertz "não há tarefa melhor para um estudioso do que destruir um medo" (2001). Contudo, vivenciar situações onde o limite do medo é testado não estava previsto na pesquisa de mestrado em sociologia/ UFC, intitulada: "Códigos de honra: o cotidiano de jovens internos no Centro Educacional São Miguel". Por outro lado, etnografar a dinâmica e o cotidiano de um internato – Unidade de Internação da extinta Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará – FEBEMCE, possibilitou vivenciar uma experiência inusitada, a exemplo dos "imponderáveis" (1976) descritos por Malinowski, substanciada na inesperada imersão em uma rebelião prisional. No pátio do internato, o enfrentamento entre grupos rivais deixara várias vítimas pelo chão, as quais vomitavam uma secreção esverdeada: sangue, fraturas expostas, cabeças sangrando e os questionamentos da pesquisadora que, também, recebeu pedradas e adquiriu hematomas durante a rebelião. Da experiência surgiram reflexões e questionamentos: por que a decisão de suportar tantos medos, riscos e temores? O que significa e/ou significou a experiência da chamada "etnografia arriscada" nesse percurso analítico? O que fazer diante do caos, da violência extrema e barbárie? Eis, aí, os fios e rastros a serem tecidos nesta investigação.

Palavras-chave: Adolescentes em conflito com a lei. Etnografia Arriscada. Privação de liberdade. Rebelião.

Abstract: According to Geertz “there is no better job for a student than to destroy a fear” (2001). However, experience situations where fear is the limit tested was not provided in the Master thesis in sociology / UFC, entitled: “Codes of Honor: the daily life of the incarcerated youth in the São Miguel Educational Center”. On the other hand, ethnographing the dynamics and the daily life of a youth detention center — the extinct Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará, FEBEMCE (JUVENILE’S WELFARE FOUNDATION IN CEARÁ), made it possible to witness an unusual experience, as an example of the “imponderabilia” described by Malinowski (1976), it was substantiated in the unexpected immersion in a prison rebellion. In the juvenile detention center yard, the confrontation between rival groups had left several victims on the floor, who vomited a greenish discharge: blood, exposed fractures, bleeding heads and the inquiries of the researcher — who was also hurt by stone-throwing and acquired bruises during the rebellion. From the experience emerge reflections and questions: why the decision to endure so many fears, risks and dreads? What does mean (and did mean) the experience of the so-called “risky ethnography” in this analytical course? What to do in the face of chaos, extreme violence and barbarism? These are the threads and traces that this investigation follows.

Keywords: Adolescents in conflict with the law. Deprivation of liberty. Rebellion. Risky ethnography.

1 Introdução

1.1 Fragmentos do diário de campo: o internato como *lócus* investigativo

O campo de pesquisa, para alguns pesquisadores, é basicamente uma novidade. Também pode ser compreendido como o local do estranhamento, do desconhecido, do inusitado..., isto porque o campo, por si só, não autoriza o ingresso seguro do pesquisador em seus espaços. No meu caso, apesar de dois anos de experiência como assistente social do Centro Educacional São

Miguel¹, foi como discente do mestrado em sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, que em 2003, cheguei à 5ª. Vara da Infância e Juventude de Fortaleza para solicitar autorização judicial e, assim, adentrar os interstícios do internato como espaço investigativo.

De início, a familiaridade com o *lôcus* da pesquisa me tranquilizava, contudo, a ansiedade em retornar ao São Miguel após um ano de afastamento, parecia anunciar-se em forma de dúvida e incerteza, ou seja: que tipo de recepção encontraria agora como pesquisadora? Que mudanças teriam ocorrido nesse período? E o mais desafiador: Como adentrar um campo de pesquisa, cujos riscos me levaram a repensar sua escolha como campo investigativo?

Tendo como fio condutor da pesquisa várias perguntas e interrogações, meu vetor inicial era o entendimento de que, o pesquisador, mesmo conhecendo o campo e/ou o objeto de sua busca, não é conhecedor de toda a lógica investigativa e nem possui o domínio dela. A pesquisa parecia tomar o rumo do que intitulei de: “etnografia arriscada”, no melhor exemplo dos imponderáveis descritos por Malinowski (1976). Quem não recorda dos momentos de surpresas e riscos descritos pelo autor, que foi deixado sozinho numa ilha completamente desconhecida para ele? Quem não recorda das análises antropológicas de Evans-Pritchard e sua descrição do acidente de barco sofrido, quando perdeu seus preciosos diários de campo rio abaixo? Ou quando, durante sua pesquisa, Michele Rosaldo despencou de um enorme barranco em terras Ilongot e, lamentavelmente, faleceu?

São múltiplos registros de doenças, acidentes, conflitos, inseguranças, medo e assédio nos textos etnográficos. Como diz (FLEISCHER E BONETTI, 2010), “dentre outras nuances, estas histórias contribuem para cercar o trabalho de campo de uma aura de perigo, mas, muitas vezes, de aventura e, por que não, glamour”. Tal percepção se fez fecunda nesta investigação, no sentido de

1. Unidade de Internação masculina da extinta Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará – FEBEMCE, atualmente denominada de Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – STDS. É o local de cumprimento da Medida de Internação/privação de liberdade para “adolescentes autores de atos infracionais”, prevista no Art. 112, inciso VII, definida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069.

possibilitar uma compreensão adequada do *locus* da pesquisa, circunscrito como um lugar de surpresas, constantes tensões e imprevisibilidades.

Contudo, longe do suposto “glamour investigativo”, no cenário de uma instituição de reclusão para adolescentes – e, diante de uma rebelião, as surpresas, imponderáveis e riscos causavam muito medo e estranhamento. Mesmo familiarizada com o prédio e toda a sua estrutura arquitetônica: composta por muros altos, grades e guaritas no alto dos cantos, sempre estranhei as condições de trabalho e as relações gestadas nesse espaço profissional, onde os trabalhadores exercem suas atividades com restrições e normas de segurança, próprias de um espaço segregado. Nesta percepção é visível a condição de risco vivenciada pelos profissionais que trabalham nas unidades de internação para adolescentes no estado do Ceará e, conseqüentemente, dos pesquisadores que realizam estudos em seu interior, os quais podem ser visualizados como possíveis reféns em contextos de motins, tentativas de fugas e rebeliões.

Vale assinalar que, durante muito tempo, resisti em retomar os estudos e reflexões sobre a dinâmica do internato, no viés da “etnografia arriscada”. Transcorridos mais de 15 anos da conclusão do Mestrado em Sociologia – UFC, só agora, diante do agravamento da condição dos adolescentes pobres, oriundos da periferia de Fortaleza, resolvi retomar as análises sobre a dinâmica do internato.

No atual contexto da capital cearense, os adolescentes pobres, sem condições objetivas de consumir os padrões de sedução mercadológica da contemporaneidade – o chamado “consumo impossível”, acabam nutrindo sentimentos de frustração, ressentimento, revolta etc., restando-lhes a inserção em vias marginais de acesso ao tão idealizado consumo: são estes que se inscrevem na rota do tráfico, são estes que se prostituem, são eles que morrem e matam no perverso circuito do crime e da violência brasileira. É a “Vida Nua”, descrita por Giorgio Agamben (1995), no viés mais inquisidor da palavra, a nos confrontar com “situações-limites” da questão social brasileira, meio a uma sociedade que parece demonstrar indiferença face às tragédias contemporâneas. Daí a decisão de retomar um trabalho que é, de veras, significativo para mim.

Guardados na caixa de lembranças da pesquisa de mestrado, resgato aqui, os fragmentos do meu diário de campo, dados não utilizados no texto dissertativo apresentado à Universidade Federal do Ceará em 2003, os quais foram

atualizados em 2014, dentre estes, um manuscrito intitulado: *O risco de vida e o medo da morte: o pesquisador no contexto de uma rebelião prisional.*

Durante a pesquisa, o Centro Educacional São Miguel vivenciava um período de consecutivas rebeliões. Sobre esse período elaborei a seguinte reflexão: por que a escolha desse cenário como *locus* investigativo? Por que pesquisar uma instituição tão complexa? Em verdade, a escolha desse campo de estudo, consubstancia-se também no acúmulo de dados coletados durante o tempo de atuação profissional, quando adquiri o hábito de registrar as conversas dos adolescentes, descrever alguns gestos, linguagens e códigos gestados no próprio internato. Passei, inclusive, a fotografar os corpos tatuados, os dormitórios e espaços do Centro Educacional. À época, eu tinha consciência de que a responsabilidade do cargo, que incluía, dentre outras atribuições, a orientação de estagiários em campo e a sobrecarga de atividades de rotina, não possibilitariam observar o internato com um olhar atento aos códigos, a dinâmica e os valores construídos naquele espaço. Portanto, o desafio era continuar com os estudos e pesquisas que, até então, como assistente social, jamais conseguiria. Assim, candidatei-me ao mestrado em sociologia/UFC, o que justificou meu pedido de desligamento do cargo institucional, após a aprovação no referido curso.

Desse modo, assumi um duplo desafio: o de observar mais atentamente a sociabilidade, a dinâmica e os códigos gestados no internato, tendo em vista desconstruir resquícios do olhar técnico da assistente social, muitas vezes, aprisionado em regras institucionais, atividades rotineiras e normas organizacionais. Nessa busca, procurei adentrar espaços que, até então, não havia tomado conhecimento: pátio interno da Unidade, dormitórios, oficinas, salas de aula, banheiros..., atenta ao fato de que o Centro educacional não se restringe somente à parte administrativa, onde os profissionais parecem presos às atividades de rotina. Constatei, desse modo, que ficar esperando em uma sala de atendimento que o educador “X” encaminhasse o adolescente “A” ou “B” para um atendimento ou entrevista, não seria a melhor abordagem para entender a dinâmica do internato. Passei, então, a assistir as aulas, observei as oficinas de produção, iniciando diálogos casuais com os adolescentes enquanto produziam materiais de limpeza, panos de chão ou resolviam exercícios escolares. Acompanhei alguns adolescentes em seus desligamentos do

internato, por ocasião da progressão para a medida de liberdade assistida, seguindo a rotina institucional.

Também fiz um catálogo fotográfico com as tatuagens dos adolescentes e observei os momentos de visita familiar. Andei pelo pátio da unidade, atenta aos grupos em conversação e participei de algumas conversas em grupo. Inclusive, foi durante as situações de observação em campo que surgiram oportunidades para conversas informais. Aproveitei esse tempo para entrevistar adolescentes e lhes formular perguntas sobre fatos ocorridos durante o cotidiano do internato e, assim, foi possível mapear códigos de conduta, leis e negociações construídas nesse espaço.

O esforço de “interpretar” constituiu o maior desafio desta investigação e isso não seria possível sem o recurso metodológico da observação etnográfica que, segundo Geertz (1989), possui o mérito de fazer o pesquisador mergulhar na realidade por ele pesquisada, usando das estratégias de conviver, sentir e observar as ações dos atores pesquisados. Nesta perspectiva, Geertz toma emprestado de Gilbert Ryles o conceito de “descrição densa” para explicar o que a prática etnográfica. Para o autor,

fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (1989, p.20).

Dar sentido ao que parece desbotado é uma das tarefas da descrição densa, enquanto teoria interpretativa da cultura. Na interpretação de Geertz (1989), este não deverá só observar e registrar, mas, principalmente, “interpretar”, ou seja, deve aprender a “tirar conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva” (1989, p. 30).

Inspirada em Clifford Geertz (1989), procurei interpretar os valores e a dinâmica do cotidiano do São Miguel, por tratar-se de um objeto de difícil penetração, com narradores que falam quase sempre com o corpo: gestos,

códigos, olhares etc. Assim, cultivei o hábito de registrar no diário de campo detalhes que fogem à capacidade técnica do gravador, como: expressões faciais, corporais, códigos, piscadelas, principalmente, as que me eram estranhas. Foi assim que meu diário passou a ser um amigo inseparável. Nele também descrevi minhas dúvidas, medos e inseguranças relacionadas aos adolescentes em privação de liberdade.

As dificuldades de diálogo com os adolescentes me levaram a montar estratégias de aproximação deles. Passei, então, a esgueirar-me pelos corredores em dias de visita e, aos poucos, ia conversando, entrevistando, construindo relações com familiares e egressos do internato que visitavam seus irmãos. Contudo, algumas entrevistas transformaram – se em monólogos ou silêncios, com respostas curtas e pausas longas, pois o adolescente em cumprimento de sentença é desconfiado; a vida, na maioria das vezes, foi permeada por violências de múltiplas matizes: abandono, violência sexual, física, intra familiar etc.

Também realizei entrevistas com egressos do internato. Assim, foi possível constatar que os adolescentes – quando em liberdade – pareciam mais dispostos a narrar sobre a dinâmica e a lógica do internato, o que permitiu extrapolar o espaço institucional e descobrir questões internas: segredos? Verdade? Imaginação? Tais questões, aos poucos foram descortinadas – “abertas” longe da vigilância e das regras do Centro Educacional. Nesse processo, esbarrei em certas dificuldades metodológicas, perigos e riscos. Costumo dizer que desse modo rompi a casca do ovo, assumindo o desafio de interpretar os vários campos de significação que circunscrevem o Centro educacional São Miguel: a relação constituída entre os grupos internos, a lógica do batismo e os pedágios cobrados, a lei do silêncio, a questão da coragem, covardia e vingança no internato e, principalmente, a lógica das rebeliões e seus significados entre os jovens em conflito com a lei – tema desenvolvido neste artigo.

2 O pesquisador no contexto de uma rebelião prisional: O desafio de transpor a barreira do medo diante dos riscos e imponderáveis

Segundo Erving Goffman (1995), as rebeliões podem ser definidas como uma estratégia de reivindicação de direitos ou mesmo uma forma de chamar atenção ou buscar visibilidade social. Nas palavras do autor, rebelião é “um sinal”, (1995, p. 36), ou seja:

É um modo de impressionar [...] sem elas os problemas passariam despercebidos, pois se a atividade do indivíduo tem de se tornar significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de tal modo que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir. (idem, p. 36).

Por outro lado, não se trata de legitimar as rebeliões com a forma legal de negociação em espaços segregados, mas, de defini-la como estratégia de escape, de demonstração de poder ou simplesmente: de buscar a liberdade, sair da precária condição de interno – alguém que cumpre Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade, meio ao cenário de superlotação, enfrentamentos e conflitos entre grupos rivais, muito presente nos internatos brasileiros. A rigor, os internatos, no Brasil, se ressentem do objetivo de proteção e promoção da cidadania no que concerne às crianças e adolescentes como sujeitos em condição de desenvolvimento. Nesta perspectiva, a fuga empreendida via rebelião torna-se um código de honra, gestado pela própria dinâmica do internato, cujas lutas pela liberdade, parecem ter um sentido fundante para os adolescentes internos. Nesse cenário, a liberdade pode significar também, “liberdade para morrer”: nos enfrentamentos com a polícia, com os grupos rivais, nas emboscadas das tretas – gíria referente as brigas na lógica do ato infracional, nos chamados “cheiros do queijo”². Assim, a opção pela fuga comporta o risco, perigos e imprevistos. Daí, talvez, o pensamento de morte antecipada, que se apresenta de forma recorrente nas narrativas dos adolescentes: “morrer ou viver, tanto faz...” (F.A.M., 16 ANOS). “O que dá pra rir dá pra chorar, esse é o lema” (R. S. G., 17 ANOS).

2. Cheiro do queijo: gíria referente à tocaia, emboscada.

Segundo o diretor do Centro Educacional São Miguel, a instituição já passou por vários momentos tensos e por diversas rebeliões, ao descrever uma negociação, que segundo ele, foi mal sucedida.

Complicaram as coisas [...] A negociação foi feita por um delegado e um capitão da casa civil, da polícia civil [...] Eles valorizaram demais a história contada pelos meninos. Eles fantasiaram demais, durou muito tempo, tavam negociando com os adolescentes como se fosse com o Fernandinho Beira-Mar. A violência foi muito grande e o prejuízo material maior ainda. Quebraram tudo. Resultado: prometeram uma série de coisas e tivemos que cumprir depois. O internato passou mais ou menos 60 dias sem controle. Os meninos se fortaleceram, pois achavam que podiam fazer tudo: mandar, esfolar, matar, fazer e acontecer. Foi difícil pra colocar a “casa” em ordem novamente. (DIRETOR DA INSTITUIÇÃO).

Diante dos depoimentos do diretor, a vontade de entender a dinâmica do internato e seus códigos passou a povoar meus pensamentos. A percepção se aguçava e o foco das lentes investigativas parecia querer enunciar algo mais: *“Ah, eu quero ver, quero entender a sociabilidade construída no espaço de privação de liberdade para adolescentes”*. Nessa busca, passei a caminhar livremente em dia de visitas pelos corredores e sala de espera. Observava os rostos sofridos: mães, familiares e companheiras com crianças de colo. Alguns familiares, sem saber do meu objetivo naquele espaço, acabavam confundindo o papel do pesquisador com a função de assistente social no internato. Paravam-me nos corredores para perguntar sobre a situação judicial de seus filhos, netos, sobrinhos e, também, expor os problemas institucionais. Reclamavam da superlotação, informavam sobre violação de direitos, diziam existir abusos de policiais, dentre outros problemas. Velhos conhecidos(as) meus, usuários(as) do acompanhamento sociojurídico e familiar realizado pelo Setor de Serviço Social.

Diante de tantos questionamentos, quase sempre tinha que explicar o motivo do meu desligamento e informar que, de fato, não fazia mais parte do quadro de funcionários daquele internato, encaminhando-os à equipe técnica da instituição. A experiência de circular livremente pelo pátio da Unidade

possibilitou mapear códigos e descortinar questões específicas do internato. Contudo, vivenciar situações onde o limite do medo é testado não estava previsto na investigação. Em verdade, quando optei por investigar sobre o espaço segregado, mesmo medindo alguns riscos, nunca imaginei que poderia ser surpreendida com uma grande rebelião durante a observação de campo.

No contexto de uma rebelião prisional, em meio a bombas de gás lacrimogêneo, é impossível desviar o olhar, não querer ver ou simplesmente fugir. Recordo que os motivos para a rebelião não eram claros. Os jovens internos não fizeram solicitações, nem negociaram melhorias nas condições do atendimento realizado, apenas estabeleciam a busca pela liberdade como o motivo para a tentativa de fuga.

Os adolescentes em fuga pareciam encenar um balé grupal nos diversos lugares e espaços da Unidade. Como num grande espetáculo de dança corriam em direção as grades que davam acesso à saída, entoando um grito único: “*um, dois, três, já...*”, mediam certa distância e pulavam com os dois pés nas grades que dividem a parte administrativa do pátio interno do internato, ao mesmo tempo, ecoavam um grito único, que mais parecia um grito de guerra: “*uh! vamos invadir, uh! vamos fugir*”. No mesmo instante, outros adolescentes tentavam alcançar o telhado. Na ocasião, eu havia conseguido sair da sala onde estava trancada junto com outros profissionais. Do lado externo, observava a encenação e as várias performances utilizadas pelos adolescentes na tentativa de fugir. Dos 150 adolescentes internos (dentre sentenciados e provisórios), não havia nenhum parado, sem movimento, como mero expectador de cena. Muitos se agrupavam para conseguir a força necessária à fuga. Subiam uns sobre os outros formando uma espécie de “torre humana” e, assim, alcançavam a guarita do Centro Educacional, numa tentativa desesperada de saltar a muralha.

Uma das cenas trágicas da rebelião: o adolescente F.W.O.M., 17 anos, saltou a muralha, tendo as duas pernas fraturadas. Nesse momento, a direção do Centro Educacional, em conjunto com o Juizado da Infância e da Juventude negocia a autorização para o Grupo de Ações Táticas – GATE, da Polícia Militar do Ceará intervir. Já não havia mais controle ou negociação por parte dos profissionais da instituição.

Na ocasião, a intervenção policial parecia ser o mais adequando. Entretanto, após a intervenção militar, o pátio da unidade mais parecia um campo de guerra. O enfrentamento com a polícia deixara várias vítimas. Do lado externo da Unidade, os profissionais, com semblantes tristes e olhos lacrimejantes, lamentavam o acontecimento. Atrás da cortina de fumaça deixada pelas bombas de gás lacrimogêneo e com um pano sobre o nariz, caminhei com o diretor e alguns instrutores educacionais para a parte interna do Centro Educacional. Vários adolescentes vomitavam uma secreção esverdeada – sangue, fraturas expostas, cabeças quebradas. Somavam-se a isso meus próprios hematomas e arranhões, ocasionados pelas pedras jogadas pelos adolescentes durante a tentativa de fuga. Da experiência emergiram questões e reflexões: O que estou fazendo aqui? Tudo isso vale a pena? Por que a decisão de suportar todo esse medo?

Com muito medo e dor de cabeça, desejava sair dali urgentemente. Contudo, diante da barbárie, do caos e da dor, não podia simplesmente desviar o olhar, sair correndo ou não querer ver. Tentei refletir sobre tudo o que vi e presenciei, chegando a seguinte conclusão: ninguém pode apenas acomodar o olhar e naturalizar os fatos, muito menos passar por cima do sofrimento dos outros e do próprio sofrimento, sem que para eles busque, de alguma forma, um sentido. Decidi, então, ajudar no trabalho da equipe de pronto socorro, acompanhando os adolescentes em atendimento nas ambulâncias. Assim, o espaço do internato, tão naturalizado por mim durante os anos de atuação como assistente social, passou a ser definido como lugar de metamorfoses – *locus* diferenciado – circunscrito pelo entrelaçar da vida e da morte, polos que se interligam e diferenciam-se, num misto de prazer e dor, num íntimo limiar entre o caos/barbárie, a disciplina e a ordem prisional.

Várias cenas são emblemáticas para a compreensão de rebeliões, as quais estão relacionadas ao processo de identificação e/ou rivalidade construído pelos adolescentes em privação de liberdade. As cenas referem-se às redes solidárias que se constroem dentre os internos, facilmente perceptíveis no pátio e corredor da unidade, vejamos: F.B.S., (16 anos), pergunta ao jovem que pulou da guarita como estão suas pernas. Um adolescente pergunta pela hora da visita, pedindo informações ao instrutor educacional sobre a data da audiência de um

jovem recém-ingresso: *Ei, instrutor, o cara é novato. Sabe quando é a audiência dele? Pode perguntar a assistente social?* Outro jovem afirma sentir dor de cabeça e pergunta se pode ir ao atendimento médico, enquanto o companheiro do lado grita: “*ei, instrutor... ajuda o cara aí, ele tá chorando de dor de cabeça*”. Sobre isso, o instrutor informa: *Fica até difícil ajudar esses cara. É complicado aqui, pois ninguém sabe quando eles estão falando sério ou quando estão tentando forjar alguma tentativa de fuga, motim, rebelião.* (instrutor educacional do São Miguel).

Após a rebelião optei por fazer entrevistas com adolescentes participantes da tentativa de fuga. Nas falas dos jovens, as descrições do acontecimento:

Eu estou com mais ou menos uns vinte dias na Unidade. Mas, fui o primeiro a começar a rebelião. Puxei o filtro e os outros “pegaram corda”³. É o seguinte... Eu quero ser respeitado, quero ser um líder. Primeiro, fui eu que fiz a treta (a confusão) e depois me saí, entende? E aí ficou sem controle, eles continuaram e eu me saí e fiquei lá atrás comendo biscoito e rindo da situação. Mas, eu me arrependo disso. Saiu muita gente machucada, quebrada... (L.J.L.S., 18 ANOS).

Eu só queria ir embora. Pensei que fosse o super-homem (risos). Decidi saltar a muralha, mas ainda ouvi a assistente social gritar: menino, não pula! Pra quem tá aqui dentro, a busca da liberdade é uma luta, uma guerra, sabe?. Eu já tinha fugido daqui outra vez. Mas, dessa vez, eu me lasquei todim. (F.W.O.M., 17 ANOS).

A interrupção de um instrutor educacional limitou meu encontro com os adolescentes naquele dia. O jovem L.J.L.S fez um gesto, apontando para o meu diário de campo. Talvez estivesse tentando indicar alguma coisa, no entanto, não foi possível entendê-lo e nem materializar em palavras a sua intenção. Lançou ainda um último olhar para o meu diário e se despediu. Alguns dias após, encontrei uma carta deixada pelo jovem dentro do meu diário de pesquisa. A carta pedia ajuda e agradecia por tê-lo escutado, descrevendo sobre a espera ansiosa pelo desligamento institucional.

3. Pegar corda: se deixar influenciar, se deixar levar.

Em meus pensamentos, o desafio de presenciar uma rebelião ia além do que esperava descobrir ou experimentar durante o processo de pesquisa. Por outro lado, embutido nessa experiência estava o que é possível chamar de “rito de passagem”, espécie de batismo, no sentido de transpor a barreira do medo, consubstanciada na divisão do “antes” e “depois” da rebelião, como uma despedida e um novo começo, relacionado às dúvidas, estranhamentos, temores e limites da lógica investigativa em contextos de risco.

3 Rebelião, festa e performance: o espetáculo cênico da violência em um espaço de privação de liberdade.

Era dia de festa no internato. Todos se movimentavam desordenadamente. De repente, ouvi alguém gritar: *solta um pancadão aí!*⁴ Nesse momento uma imensa massa de adolescentes se entrega a uma estranha dança e, como se estivessem sob uma forma de possessão ou num transe, misturam movimentos, gestos e olhares.

A festa no internato parece representar algo complexo, enigmático, que vai além de uma conotação simplista e adquire, desse modo, uma significação cujo caráter profano permite as pessoas e coletividades transgredir e transcender a normalidade, chegando assim, num estado onde tudo se tornaria “possível”.

A festa, sob o ponto de vista popular, assume vários significados, ou seja: dia de descanso, de gozijo; dia santificado, data comemorativa, solenidade, alegria. Na concepção de Duvignaud (1983), a festa é uma forma de transgressão das normas estabelecidas. Esta, por ser estranha às regras e por não explicitar a intenção de violá-las, é, por isso, mais forte. Segundo o autor, é na festa que “o poder do ego se faz conhecer com o seu próprio teor de indiferença” (1983, p. 223).

No internato, as comemorações acontecem sob a vigilância e o controle institucional. Em dia de festa, a percepção de qualquer movimento estranho – um estalar de dedos, um esbarrar de corpos, um piscar de olhos – pode ser considerado fator de desconfiança por parte dos instrutores educacionais, capaz de gerar, inclusive, castigos disciplinas e retaliações aos internos.

4. Pancadão: som de batida forte, característica do *funk* e do *rap*.

No internato, mesmo num contexto de “festa vigiada”, não há desânimo, fadiga ou cansaço, constituindo-se uma possibilidade para rebelar-se e fugir. Qualquer esbarrão mais forte é motivo de briga, violência, agressão. A polifonia dos instrumentos e músicas escolhidas, geralmente ao som do *funk*, *hip hop* ou *rap*, parece inebriar os corpos dos adolescentes, que dançam e negociam condutas polarizadas, quais sejam: seguir as normas do internato ou se colocar como sujeito no estopim de uma rebelião. A festa, desse modo, faz parte de um ritual constituído pelo seguinte processo: início (o desencadear do acontecimento), seu ápice, o processo de negociação, resolução ou contenção do conflito. Nesta perspectiva, a rebelião se anuncia, ou seja, comporta um período de tensão, onde seus protagonistas negociam entre si.

Em privação de liberdade, a festa parece atuar como “um acontecimento que justifica excessos” (DUMAZEDIER, 1974), significando um momento de escape e compensação das frustrações diárias ou mesmo da ausência de questionamentos sobre a vida em privação de liberdade. Nesta perspectiva, Dumazedier (1974) ressalta a função de equilíbrio que as festas podem exercer na vida social. Nas palavras do autor, a dimensão da festa é explicitada da seguinte forma:

A festa é o contexto social onde o indivíduo pode ter direitos de expressão, proibidos na vida cotidiana; ela é uma ocasião para um indivíduo se divertir livremente, cometendo excessos de todos os tipos, de comida, de bebida ou de luxúria, permitidos ou tolerados, até encorajados, dentro dos “limites” desse quadro social. (1974, p. 223).

Se a festa “justifica excessos”, no internato as rebeliões – visualizadas pelos adolescentes como festa – ganham também o sentido de um espetáculo cênico, conforme afirmam os adolescentes em seus relatos:

Festa mermo é em dia de rebelião (risos). Depois de começar o “quebra-quebra” e a busca pela liberdade, tudo pode... Pode matar, morrer, gritar, fugir, bater, destruir, sei lá [...] Tive um dia que eu tava quieto, nem imaginava participar de uma rebelião, mas depois que começa a merda, você é levado, parece uma força que faz você entrar no meio da coisa (A.C.B., 17 ANOS).

No internato nunca acontece nada. Aí quando acontece uma rebelião é massa. Festa total! Todo mundo participa... É a força do grupo. Mas, também, tem uns aí que são forçados a participar. Tem os caras sossegadão, mas terminam entrando na coisa. Eu já terminei quase morto por causa de rebelião, mas sempre participo novamente, mas é porque eu quero, ninguém me força. (R.S., 18 ANOS).

De acordo com os relatos acima, a festa constitui uma forma de ritualizar conflitos e tensões grupais, que evoca a violência como instrumento necessário à encenação dos embates e insatisfações grupais. Na visão dos adolescentes internos, as rebeliões carregam um significado cênico e performático. Estas, segundo os jovens, são vivenciadas ao longo da internação e lembradas antes, durante e depois da experiência no internato.

Considerações finais

Não intenciono, aqui, elaborar conclusões exaustivas sobre os desafios vivenciados durante a investigação no São Miguel. Em verdade, não percebo esta empreitada analítica como um final da rota. Nos percursos por mim trilhados, a seguir pistas dos códigos construídos por adolescentes privados de liberdade, não parece ser possível demarcar “pontos de partida ou de chegada...” O cotidiano dos adolescentes – com quem vivi e convivi durante dois anos de pesquisa – passa por trechos inusitados e inseguros, podendo ser subitamente interrompido a qualquer momento do trajeto. Os passageiros experimentam negociações extremas, incorporando, na maioria das vezes, valores e códigos construídas na relação do conflito com a lei, ao mesmo tempo em que vivenciam a privação de liberdade como sentença imposta e punição judicial. E, assim, nestas andanças ziguezagueantes, vão construindo suas “posições – de – sujeito”, que são temporárias, em processos de redefinições identitárias, sempre em aberto... No assumir de tais posições, os jovens vão incorporando personagens diferenciadas no jogo da violência. São personagens em cenas que vão se metamorfoseando: é o “laranja”, o “testa de ferro”, o “sangue bom”, o “líder intelectual” etc. O meu esforço, ao tentar etnografar códigos de honra e conduta de jovens envolvidos na prática infracional, foi registrar também os

desafios e riscos presentes nesse campo de estudo. E, ao fechar o artigo, tenho a consciência da incompletude deste estudo. Parece-me que faltaram imagens e tintas. Os matizes de cores não foram suficientes para registrar a força, a dureza e a emoção de determinadas cenas.

Tive sempre presente o caráter “artesanal” da minha construção analítica, respaldando-me na ideia de que o esforço do pesquisador circunscreve um “trabalho de fôlego e não [...] uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, original” (BOURDIEU, 1994, p. 26). O percurso investigativo seguiu uma trilha de declives, veredas ambíguas, em busca do fio condutor. E, em meio aos labirintos e teias do objeto, fui ajustando o foco analítico, a partir do próprio movimento do objeto investigado e de suas sutilezas.

Outra descoberta significativa advém dos desligamentos de alguns adolescentes participantes da investigação. Assim, fui obrigada a reconhecer a experiência de privação de liberdade como um “tempo de passagem”, um momento de trânsito na vida dos personagens desta investigação. Desse modo, fui desafiada a redefinir, algumas vezes, o foco central deste estudo, considerando não só a dinâmica e sociabilidade do internato, mas, para além dos muros institucionais.

Ao longo de quase dois anos de trabalho de campo – observando, analisando documentos, convivendo com os adolescentes, penetrando em suas vivências e trajetórias –, pude perceber que as rebeliões possuem um significado cênico, performático na visão dos adolescentes. Rebeliões estas, vivenciadas ao longo da internação e lembradas pelos jovens antes, durante e depois da experiência no internato. Nesta empreitada, refutei a ideia de trajetória linear, consubstanciada na ideia de um percurso demarcado em linha reta, constituído de início, meio e fim. Nesse sentido, o desligamento do internato não é entendido como o fim das rotas dos adolescentes marcados pela prática infracional, mas, sobretudo, como um momento peculiar na vida desses sujeitos sociais.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer I: il potere sovrano e la nuda vita**. Turim: Einaudi, 1995.
- _____. **Homo sacer I. O poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002.
- BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.
- DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Trad. De L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1974.
- FLEISCHER e BONETTI, S. A (org.). **Dossiê Etnografia Arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo**. v. 19, n.01, 2010.
- FREITAS, Rilda Bezerra de. **Códigos de Honra: O cotidiano dos jovens internos no Centro Educacional São Miguel**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, 1989.
- _____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Marcia Bandeira de melo. Rio de Janeiro: LTC, 1995.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Os Pensadores), v.43.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Título 1 – Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando as máscaras sociais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, s/d. p. 39-61;

Recebido: 23/07/2018

Aceito: 25/03/2019